

Centro histórico de Évora: relevância ameaçada?

Maria Domingas Simplício¹ e Nuno Sobral Camelo²

1) Universidade de Évora, Portugal
domingas@uevora.pt

2) Município de Évora, Portugal
nunocamelo@cm-evora.pt

Resumo

Este artigo procura refletir sobre a forma como o desenvolvimento urbano de Évora procurou ou não assegurar um equilíbrio e complementaridade entre o “velho centro” e as novas áreas urbanas que entretanto foram surgindo; assim, a abordagem efetuada pretende equacionar se, à semelhança de outras cidades com equivalente dimensão e posicionamento no sistema urbano nacional, também em Évora se coloca uma eventual ameaça da relevância do Centro Histórico no contexto da respetiva área urbana.

Para o efeito, procede-se a uma avaliação da relação entre o centro histórico, funcionalmente liderante, mas atualmente em declínio demográfico, e as novas áreas que foram surgindo após o seu preenchimento. Esta avaliação assenta, quer na sistematização dos planos e programas que procuraram enquadrar e dinamizar o desenvolvimento de Évora, quer na análise da evolução demográfica e da estrutura urbana da cidade, com a respetiva identificação funcional dos espaços.

Palavras-chave: *Évora, Centro Histórico, evolução urbana, declínio demográfico.*

1. Introdução

Localizada numa posição relativamente central no interior da metade Sul de Portugal e constituindo-se como o principal centro urbano de um território cuja área corresponde a cerca de um terço do País, Évora continua, apesar da estagnação demográfica registada na última década, a ocupar uma posição relevante no sistema urbano nacional.

Com origem anterior ao período romano, Évora foi ocupada por romanos, visigodos e árabes e foi integrada na coroa de D. Afonso Henriques em 1165, mantendo sempre importantes funções defensivas e militares.

Até ao séc. XIV a urbe confinou-se ao interior da Cerca Velha (de época romana), levando a posterior expansão urbana à construção de uma nova cintura de muralhas e apesar do crescimento urbano registado no séc. XVI e da riqueza e importância política, económica e cultural da cidade, só no final do séc. XIX, com a implantação do caminho de ferro, em 1863, surgiram as primeiras expansões urbanas situadas fora das muralhas.

O crescimento da área urbana extramuros foi, relativamente lento durante a 1ª metade do séc. XX e só nos anos 50-60 surgiram expansões urbanas programadas e com alguma autonomia funcional, mas no princípio da década de 70 registou-se um novo surto de crescimento e expansão de loteamentos "clandestinos", correspondendo, sobretudo, à procura pelos habitantes do Centro Histórico (CH) de melhores condições de habitabilidade; conseqüentemente, entre 1960 e 1981, este setor urbano perdeu um terço da sua população; a partir de finais da década de 70 entrou-se num processo de desenvolvimento urbano planeado.

Para além das medidas de desenvolvimento urbano extramuros, também o CH mereceu atenção no processo de planeamento urbano tendo como consequência, vindo a ser classificado em 1986 pela UNESCO como Património Mundial.

Na última década do séc. XX, o desenvolvimento urbano de Évora foi marcado pela consolidação e pelo lançamento de urbanizações na cidade extramuros e pela recuperação e/ou reconversão de edifícios e espaços públicos e por pontuais novas edificações no Centro Histórico.

Este processo viria, no entanto, a deparar-se com as dificuldades sentidas já na primeira década do século atual e que marcam o presente contexto político, económico e social. Com o desenvolvimento urbano praticamente estagnado, o preocupante processo de desertificação humana, de degradação da estrutura edificada e desqualificação da estrutura funcional constitui uma ameaça para o Centro Histórico de Évora e, conseqüentemente, para toda a cidade; embora essa ameaça não resulte da evidência de novas inequívocas centralidades concorrentes, a “corrosão” interna pode ser ainda mais temível.

2. Estrutura urbana de Évora

Em termos de estrutura urbana, a cidade de Évora é constituída por um centro histórico amuralhado, onde se evidencia o núcleo mais antigo, delimitado pela Cerca Velha e marcado pela Acrópole e, na zona extramuros, por um conjunto de cerca de 50 bairros (que se diferenciam pela sua dimensão, tipologia urbana e funcional, época de construção e natureza do processo de promoção), por aproximadamente 20 áreas comerciais e de equipamentos e por três áreas industriais, localizadas na zona sul.

Como foi anteriormente referido, quase todas as expansões urbanas anteriores a 1950 são habitacionais e de origem espontânea, localizando-se algumas delas bastante afastadas do

Centro Histórico. A única exceção é precisamente a primeira urbanização extramuros, que em Évora, como noutras cidades, foi potenciada pela instalação do caminho de ferro (em 1863) e pela definição da estação ferroviária como novo elemento estruturante da organização urbana.

Na segunda metade do século XX e até 1975 surgem novas expansões urbanas, com destaque para a Zona de Urbanização Nº 1, promovida pela Administração Pública e para os primeiros loteamentos privados legais. Neste período surgem igualmente alguns equipamentos e as primeiras áreas industriais.

Entre 1975 e 1990 regista-se uma forte expansão urbana, suscitada pelo reforço da importância de Évora na rede urbana, sendo também de assinalar a criação de novas áreas industriais, com destaque para o Parque Industrial. A partir de 1990, todas as novas expansões urbanas são planificadas e regulamentadas, mas nenhuma das áreas de expansão urbana extramuros se constituiu como um verdadeiro núcleo de vivência urbana parcialmente alternativo ao Centro Histórico, já que pouco mais disponibilizam que o acesso aos bens e serviços básicos e pouco qualificados.

3. Evolução demográfica e funcional

Embora nos instrumentos de planeamento e gestão sejam evidenciados parâmetros que revelam potencialidades quanto ao crescimento e desenvolvimento da cidade, alguns indicadores estatísticos recentes revelam-se menos auspiciosos.

Num contexto de estagnação demográfica no concelho de Évora, é particularmente preocupante a perda de população residente no Centro Histórico, pois atinge os 16% na última década e aproxima-se dos 40% relativamente a 1991. De facto, a população residente neste setor tem vindo a decrescer desde 1940 e relativamente ao valor então registado (cerca de 18 500 habitantes), a população atual corresponde a apenas cerca de um quarto.

É esta redução e envelhecimento da população que, associada a problemas decorrentes da degradação de alguns edifícios (segundo o estudo “Évora: Recuperar o processo Histórico”, realizado em 2008 pela Parque Expo, cerca de 18% dos edifícios encontravam-se em mau estado de conservação ou em ruína) e à ocorrência de situações de carência social (pobreza, falta de conforto habitacional, solidão e insuficiente apoio institucional) tende, como se refere no “Diagnóstico Social das Freguesias do Centro Histórico de Évora”, elaborado em 2007 pela “Comissão Social Inter Freguesias do

Centro Histórico de Évora”, a criar condições para a “*emergência de territórios de risco social (...) que começam a alojar outras problemáticas, que podem até não ser novas, mas são sem dúvida preocupantes; a prostituição e a marginalidade começam a adquirir maiores dimensões, perturbar a vida quotidiana dos habitantes, (...)*”..

Como é evidente, o cenário referido influencia e reflete também a estrutura funcional da cidade, pois a ocorrência de funções nos centros urbanos é em si mesma um espelho da vitalidade e dinamismo desse centro; sobre este tema, Fernandes (2007) evidencia a interligação entre as atividades comerciais e a valorização das áreas centrais.

Contrapondo-se aos efeitos negativos decorrentes da diminuição e envelhecimento populacional, que a atual crise económica e social acentua, a evolução da estrutura funcional do Centro Histórico, ocorrida ao longo dos últimos 25 anos foi influenciada por fatores como o papel de “capital regional” e de principal polo de atração da região Alentejo, a reativação e afirmação da Universidade na década de 80 do século passado e o reconhecimento como Património da Humanidade em 1986.

Como aspetos mais relevantes nesta evolução salienta-se a quebra significativa dos estabelecimentos comerciais de produtos alimentares (mercearias, padarias, talhos e peixarias) e de atividades artesanais (alfaiates, sapateiros, correeiros), e oficinas de carpintaria, serralharia e reparação, setor que evidencia clara tendência para diminuir o seu peso nos núcleos centrais e históricos dos aglomerados urbanos.

Em contrapartida, alguns ramos comerciais verificaram, a partir de 1985, uma expansão importante não só em termos de aumento das unidades funcionais mas também na diversidade e qualidade de produtos oferecidos. Saliente-se o caso do comércio de vestuário, calçado e acessórios de moda, dos bares, discotecas e outros locais de diversão noturna e de escolas de música, dança e línguas, restaurantes, hotéis e similares e lojas de artesanato e de produtos *gourmet*.

Apesar da abertura de supermercados de média e grande dimensão na cidade extramuros, importa referir que estes estabelecimentos não se constituíram como núcleos de novos centros secundários de comércio e serviços. Na verdade e como evidencia Salgueiro (2007), “o centro histórico de Évora permanece como a única área por excelência de comércio e serviços da cidade”, uma vez que a reduzida diversificação da oferta

proporcionada pelos novos estabelecimentos não é suficiente para contrariar o peso da intensa atração do CH, exceto nos ramos do comércio alimentar.

Assim, se em cidades com equivalente dimensão e posicionamento no sistema urbano nacional, a instalação de novos centros comerciais e de lazer dá origem a inequívocas novas centralidades que estabelecem forte concorrência com o centro antigo e podem levar ao seu declínio, em Évora tal não acontece, pelo menos de uma forma evidente.

Com efeito, Évora continua a concentrar no CH a maioria das atividades de caráter comercial e de serviços. Esta situação é ainda mais inesperada perante o facto de o tecido comercial do CH não estar modernizado e continuar a aplicar um horário de funcionamento “convencional”. Ainda assim, algumas alternativas ao comércio tradicional têm constituído casos de insucesso.

Neste contexto de inexistência de uma inequívoca área de comércio e serviços alternativa e concorrente com o CH, mas em que o único polo moderadamente alternativo parece emergir na zona a sul da cidade, importa referir que o Plano de Urbanização de Évora, aprovado em junho de 2011, evidencia que “a necessária reestruturação funcional da cidade visa articular os dois atuais polos de atividades, o CH e o PITE”, mas também “qualificar a cidade como um todo”.

É nesta última vertente que se enquadra a elaboração do projeto do “Plano de Pormenor da UOPG dos Leões”, localizado na zona norte, por se “considerar que toda a área dos Leões e a frente urbana contígua às Portas de Avis, deve constituir um novo polo de desenvolvimento que potencie o surgimento de dinâmicas e sinergias favoráveis ao desenvolvimento da cidade e, em particular, à revitalização do Centro Histórico de Évora. Para além de novas urbanizações, a UOPG dos Leões prevê também a delimitação de uma “nova zona de terciário (...) referente a uma área comercial de dimensão relevante e impacto de nível regional, que se deverá articular com o CH e com aquela UO”.

Considerando, no entanto, os investimentos já efetuados na zona sul da cidade, e atendendo ainda à conjuntura atual de acentuada crise económica, não parece viável, a curto/médio prazo, a concretização do “Plano de Pormenor da UOPG dos Leões” e, em particular, da prevista nova área comercial. Neste contexto, não são esperáveis, a curto prazo, significativas alterações na estrutura da organização urbana e funcional da cidade, que deverá continuar a ser marcada pela relevância do CH, que, todavia, enfrenta a ameaça do despovoamento e envelhecimento populacional e da perda de atratividade.

4. Conclusão

Inserindo-se claramente no conceito de cidade média (aplicado à realidade portuguesa), Évora apresenta uma estrutura urbana marcada pela posição preponderante do CH e por um conjunto diferenciado de bairros, deficientemente articulados entre si e com o CH.

A cidade enfrenta os problemas inerentes à redução e envelhecimento da população e à deterioração do estado de conservação dos edifícios.

O caso de Évora revela, no entanto, alguma especificidade relativamente a outras cidades. De facto, contrariando a tendência dominante para que a instalação de novos centros comerciais e de lazer dê origem a novas centralidades, Évora continua a concentrar no CH a maioria das atividades de carácter comercial e de serviços e não se evidencia uma inequívoca área de comércio e serviços alternativa e concorrente.

Porém, tal não significa que o risco de declínio do CH não suscite grande apreensão, pois são já evidentes as ameaças causadas pelo despovoamento e envelhecimento populacional. Assim, a efetiva adoção urgente das políticas e das medidas tendentes à revitalização e reabilitação do Centro Histórico constitui uma das prioridades em que as diferentes entidades com responsabilidade na gestão da cidade devem centrar a atenção e conjugar os esforços; caso não sejam atempadamente implementadas as medidas adequadas, o CH pode ver a sua relevância ameaçada, não pela emergência de novas centralidades e novas dinâmicas urbanas, mas pela incapacidade de vencer as adversidades suscitadas pelo declínio demográfico, funcional e mesmo social que podem, inclusivamente, ameaçar o seu estatuto da Património da Humanidade.

5. Bibliografia

- C.M. Évora (2011) Plano de Urbanização de Évora – Alteração: Relatório. Évora.
- C.M. Évora (2007) Plano Diretor Municipal, Relatório; volume II – Proposta. Évora.
- Comissão Social Inter Freguesias do Centro Histórico de Évora (2007) Diagnóstico Social das Freguesias do Centro Histórico – Évora.
- Fernandes JR. As actividades comerciais e a valorização das áreas centrais. Inforgeo, Julho 2007, pp. 129-35.
- Parque Expo 98 S.A. (2008) Évora: Recuperar o processo Histórico. Évora.
- Salgueiro TB (coord) (2007) Estudo de Avaliação dos Impactos dos Centros Comerciais na Cidade de Évora, GECIC – Grupo de Estudos Cidade e Comércio; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Simplício MD (2009) Evolução da Estrutura Urbana de Évora: o século XX e a transição para o século XXI. *A Cidade de Évora*, 2009; II Série, Nº 7, pp. 321-60.